

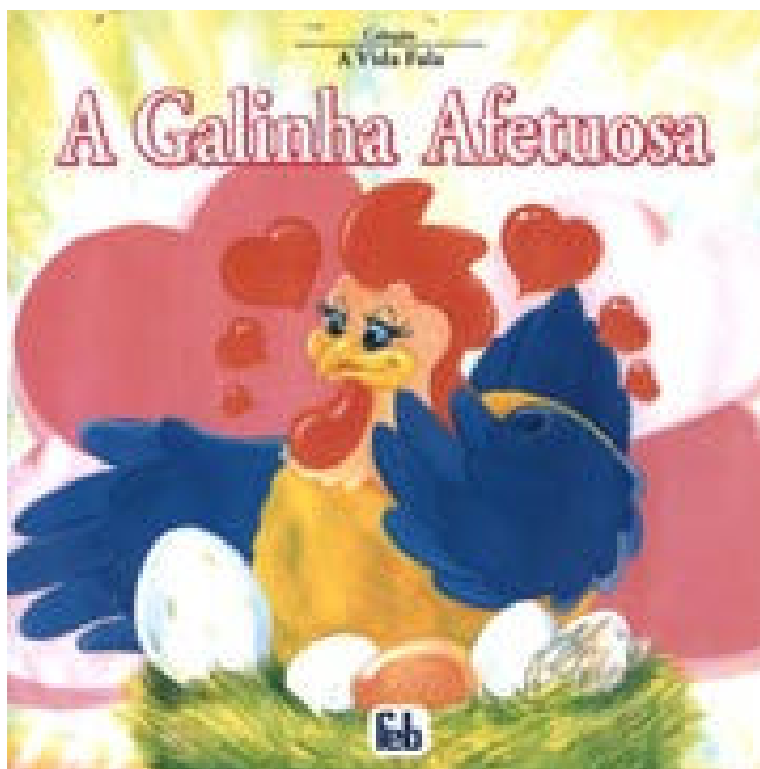
A Vida Fala

I

Francisco Cândido Xavier / Neio Lúcio



A Galinha Afetuosa



Gentil galinha, cheia de instintos maternos, encontrou um ovo de regular tamanho e espalmou as asas sobre ele, aquecendo-o carinhosamente. De quando em quando, beijava-o, enternecida. Se saía a buscar alimento, voltava apressada, para que lhe não faltasse calor vitalizante. E pensava garbosa: - "Será meu pintainho! será meu filho!"

Em formosa manhã de céu claro, notou que o filhotinho nascia robusto.

Criou-o, com todos os cuidados. Um dia porém, viu-o fugir pelas águas de um lago, sobre as quais deslizava.

Chamou-o como louca:

...e não houve resposta. Ele era um pato arisco e fujão.

A galinha, voltou muito triste, ao velho poleiro.

-choquei um ovo de quem não pertencia a família...

Encontrou outro ovo... chocou-o.

Outra ave nasceu. Tratou-o com mil cuidados...

...e notou que não era pintainho.

Um dia, o corvinho voou, juntando-se a outros.

A galinha sofreu muitíssimo.

Embora resolvida a viver só, foi surpreendida certo dia, por outro ovo. Chocou-o.

Dentro de pouco o filhote surgia. A galinha afagou-o feliz.

Quando o filho estava crescendo:

- ora ele persegue ratos na sombra!

Durante o dia era um desastrado... ele parecia cego. À noite seus olhos brilhavam. Era uma corujinha que acabou fugindo da mãe.

A mãe chorou amargamente. Porém, encontrando outro ovo, buscou ampará-lo, a galinha ajudou-o como pôde, mas, o filho cresceu demais. Passou a mirá-la de alto a baixo. Era um pavãozinho orgulhoso que chegou mesmo a maltratá-la.

A carinhosa ave, dessa vez, desesperou em definitivo. Saiu do galinheiro gritando e dispunha-se a cair nas águas de rio próximo, em sinal de protesto contra o destino, quando grande galinha mais velha a abordou, curiosa, a indagar dos motivos de sua dor.

A pobre respondeu, historiando o próprio caso.

A irmã experiente estampou no olhar linda expressão de complacência e considerou, cacarejando:

- Que é isto amiga? não desespere. A obra do mundo é de Deus, nosso Pai. Há ovos de toda espécie inclusive os nossos, continue ajudando em nome do Poder Criador; entretanto, não se prenda aos resultados do serviço que pertencem a Ele e não a nós. Não podemos obrigar os outros a serem iguais a nós, mas é possível auxiliar a todos, de acordo com as nossas possibilidades. Entendeu?

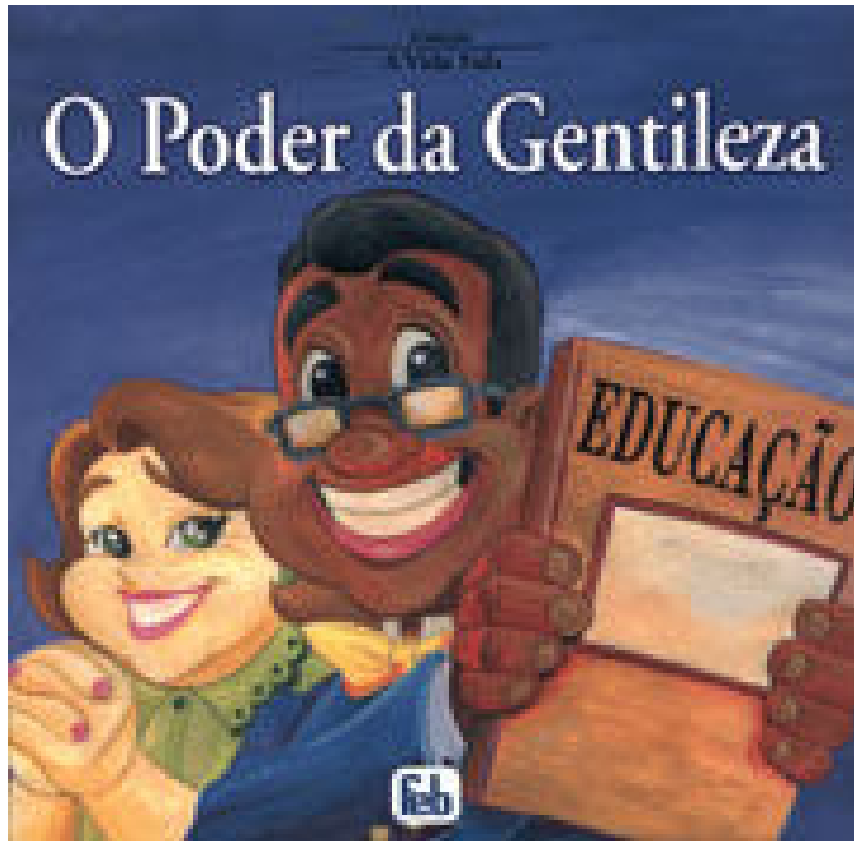
O caminho humano estende-se, repleto de dramas iguais a este. Temos filhos, irmãos e parentes diversos que de modo algum se afinam com as nossas tendências e sentimentos. Trazem consigo inibições e particularidades de outras vidas que não podemos eliminar de pronto. Estimariamos que nos dessem compreensão e carinho, mas permanecem imantados a outras pessoas e situações, com as quais assumiram inadiáveis compromissos. De outras vezes, respiram noutros climas evolutivos.

Não nos aflijamos, porém.

A cada criatura pertence à claridade ou a sombra, a alegria ou a tristeza do degrau em que se colocou.

Amemos sem o egoísmo da posse e sem qualquer propósito de recompensa, convencidos de que Deus fará o resto.

O Poder Da Gentileza



Eminente professor negro, interessado em fundar uma escola num bairro pobre, onde centenas de crianças desamparadas cresciam sem o benefício das letras, foi recebido pelo prefeito da cidade.

O prefeito ouvir-lhe o plano e disse-lhe:

- A lei e a bondade nem sempre podem estar juntas. Organize uma casa e autorizaremos a providência.

O benfeitor dos meninos desprotegidos considerou:

- Mas doutor, não dispomos de recursos... Que fazer?

- De qualquer modo, cabe-nos amparar os pequenos analfabetos.

Diante de sua figura humilde, o prefeito disse:

- O senhor não pode intervir na administração.

O professor muito triste, retirou-se e passou a tarde e a noite daquele sábado, pensando, pensando...

Domingo, muito cedo saiu a passear, sob as grandes árvores, na direção de antigo mercado.

Ia comentando, na oração silenciosa:

- Meu Deus como agir? Não receberemos um pouso para as criancinhas, Senhor?

Absorvido na meditação, atingiu o mercado e entrou.

O movimento era enorme. Muitas compras. Muita gente.

Certa senhora, de apresentação distinta, aproximou-se dele e tomando-o por servidor vulgar, de mãos desocupadas e cabeça vazia, exclamou:

- Meu velho, venha cá.

O professor acompanhou-a sem vacilar.

À frente dum saco enorme, em que se amontoavam mais de trinta quilos de verdura, a matrona recomendou:

- Traga-me esta encomenda.

Colocou ele o fardo às costas e seguiu-a.

Caminharam seguramente uns quinhentos metros e penetraram elegante vivenda, onde a senhora voltou a solicitar:

- Tenho visitas hoje. Poderá ajudar-me no serviço geral?

- Perfeitamente – respondeu o interpelado -, dê suas ordens.

Ela indicou pequeno pátio e determinou-lhe a preparação de meio metro de lenha para o fogão.

Empunhando o machado, o educador, com esforço, rachou algumas toras.

Em seguida, foi chamado para retificar a chaminé. Consertou-a com sacrifício da própria roupa.

Sujo de pó escuro, da cabeça aos pés, recebeu ordens de buscar um peru assado. Pôs-se a caminho, trazendo o grande prato em pouco tempo. Logo mais, atirou-se à limpeza de extenso recinto em que se efetuaría lauto almoço.

Nas primeiras horas da tarde, sete pessoas davam entrada no fidalgo domicílio. Entre elas, relacionava-se o prefeito que anotou a presença do visitante da véspera, apresentado ao seu gabinete por autoridades respeitáveis.

Reservadamente, indagou sua irmã, que era a dona da casa, quanto ao novo conhecimento, conversando ambos na surdina.

Ao fim do dia, a matrona distinta e autoritária, com visível desapontamento, veio ao servo improvisado e pediu o preço dos trabalhos.

- Não pense nisto – respondeu com sinceridade -, tive muito prazer em ser-lhe útil.

No dia imediato, contudo, a dama da véspera procurou-o, na sua casa modesta em que se hospedava e, depois de rogar-lhe

desculpas, anunciou-lhe a concessão de amplo edifício, destinado à escola que pretendia estabelecer. As crianças usariam o patrimônio à vontade e o prefeito autorizaria a providência com satisfação.

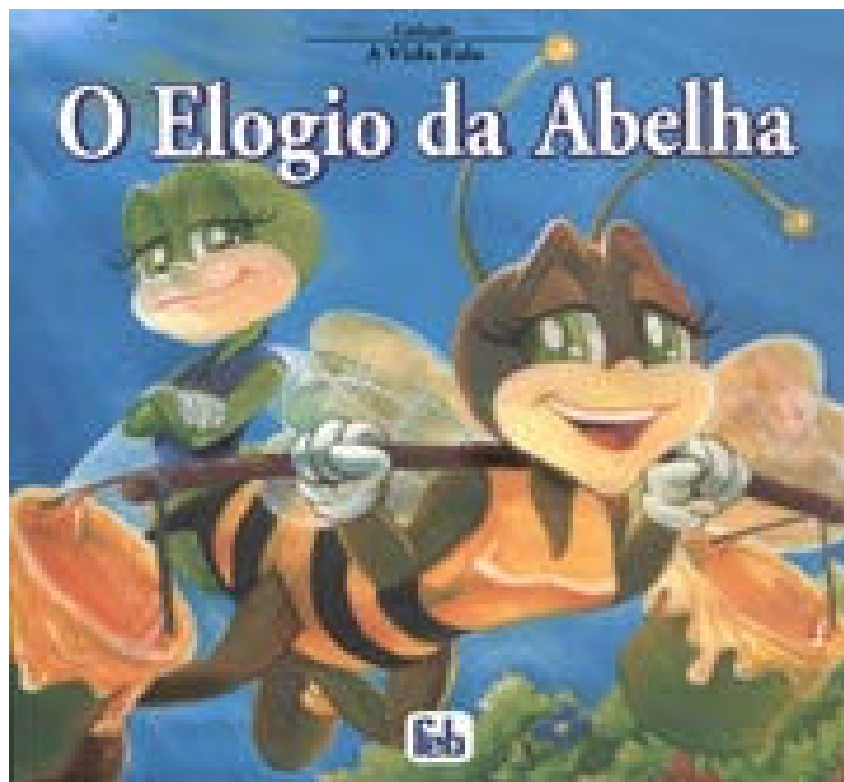
O professor teve os olhos úmidos a alegria e o reconhecimento... e agradecendo e beijou-lhe as mãos, respeitoso.

A bondade dele vencera os impedimentos legais.

O exemplo é mais vigoroso que a argumentação.

A gentileza está revestida, em toda parte, de glorioso poder.

O Elogio Da Abelha



Grande mosca verde-azul, mostrando envaidecida as asas douradas pelo Sol, penetrou uma sala e encontrou uma abelha humilde a carregar pequena provisão de recursos para elaborar o mel.

A mosca arrogante aproximou-se e falou, vaidosa:

- Onde você surge, todos fogem. Não te sentes indesejável? Teu aguilhão é terrível.

- Sim – disse a abelha com desapontamento -, creia que sofro muitíssimo quando sou obrigada a interferir. Minha defesa é, quase sempre, também a minha morte.

- Mas não podes viver com mais distinção e delicadeza? – tornou a mosca – por que ferretoar, a torto e a direito?

- Não minha amiga – esclareceu a interlocutora -, não é bem assim. Não sinto prazer em perturbar. Vivo tão-somente para o trabalho que Deus me confiou, que representa benefício geral. E, quando alguém me impede a execução do dever, inquieto-me e sofro, perdendo, por vezes, a própria vida.

-Creio, porém, que se tivesses modos diferentes... se polisses as asas para que brilhassem à claridade solar, se te vestisses em cores iguais às minhas, talvez não precisasses alarmar a ninguém. Pessoa alguma te recearia a intromissão.

- Ah! Não posso despender muito tempo em tal assunto... disse a abelha. O serviço não me permite a apresentação exterior muito primorosa, em todas as ocasiões. A produção de mel indispensável ao sustento da nossa colméia, e necessária a muita gente, não me ofereces ensejo a excessivos cuidados comigo mesma.

- Repara! – disse-lhe a mosca, desdenhosa – tuas patas estão em lastimável estado...

- Encontro-me em serviço – explicou-se a operária humildemente.

- Não! não! – protestou a mosca – isto é relaxamento.

E limpando caprichosamente as asas, a mosca recuou e aquietou-se, qual se estivesse em observação.

Nesse instante, duas senhoras e uma criança penetraram o recinto e, notando a presença da abelha que buscava sair ao encontro de companheiras distantes, uma das matronas gritou, nervosa:

- Cuidado! cuidado com a abelha! Fere sem piedade!...

A pequeninha trabalhadora alada dirigiu-se para o campo e a mosca soberba a exhibir-se, voando despreocupada.

-Que bonita, parece uma jóia. Que maravilha!

A mosca preguiçosa planou... planou... e, encaminhando-se para a copa, penetrou o guarda-comida, deitou varejeiras na massa dos pastéis e infectou pratos diversos ..., e pousou-lhe na cabeça, infeccionando certa região que se achava ligeiramente ferida.

Decorridas algumas horas, sobravam preocupações para toda a família. A encantadora mosca verde-azul deixara imundície e enfermidade por onde passara.

Quantas vezes sucede isto mesmo, em plena vida?

Há criaturas simples, operosas e leais, de trato menos agradável, à primeira vista, que, à maneira da abelha, sofrem sarcasmos e desapontamentos por bem cumprir a obrigação que lhes cabe, em favor de todas; e há muita gente de apresentação brilhante, quanto a mosca, e que, depois de seduzir-nos a atenção pela beleza da forma, nos deixa apenas larvas da calúnia, da intriga, da maldade, da revolta e do desespero no pensamento.



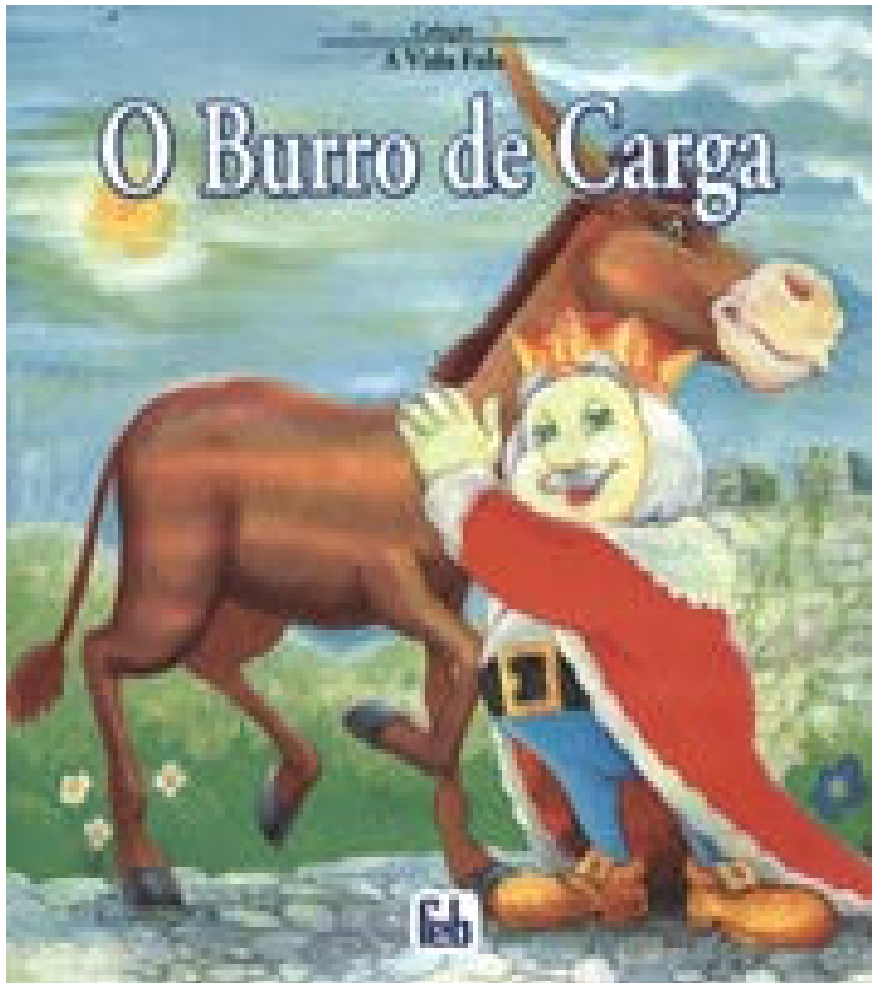
Fim.

II

Francisco Cândido Xavier / Neio Lúcio



O Burro De Carga



No tempo em que não havia automóveis, na cocheira de famoso palácio real um burro de carga curtiá imensa amargura, em vista das pilhérias e remoques dos companheiros de apartamento.

Reparando-lhe o pelo maltratado, as fundas cicatrizes do lombo e a cabeça tristonha e humilde, aproximou-se formoso cavalo árabe, que se fizera detentor de muitos prêmios.

- Triste sina a que você recebeu! Não Inveja minha posição nas corridas? Sou acariciado por mãos de princesas e elogiado pela palavra dos reis!

- Pudera! - como conseguirá um burro entender o brilho das apostas e o gosto da caça?

O infortunado animal recebia os sarcasmos, resignadamente.

-Esse burro é um covarde! Sofreu nas mãos do bruto amansador, sem dar ao menos um coice. É vergonhoso suportar-lhe a companhia

Outro soberbo cavalo, de procedência húngara, entrou no assunto e comentou:

Um jumento espanhol acercou-se e acentuou sem piedade:

- Lastimo reconhecer neste burro um parente próximo. É um desonrado, fraco, inútil... Desconhece o amor-próprio. Eu só aceito o deveres dentro de um limite; Se abusam, pinoteio e sou capaz de matar.

As observações insultuosas não haviam terminado, quando o rei penetrou o recinto, em companhia do chefe das cavaliças.

- Preciso de um animal para serviço de grande responsabilidade - informou o monarca -, animal dócil e educado, que mereça absoluta confiança.

O empregado perguntou:

Não prefere o árabe, Majestade?

- Não, não - falou o soberano -, é muito altivo e só serve para corridas em festejos oficiais sem maior importância.

- Não quer o potro inglês?

- De modo algum. É muito irrequieto e não vai além das extravagâncias da caça.

- E o húngaro? Não deseja o húngaro?

- Não, não. É bravio, sem qualquer educação. É apenas um pastor de rebanho.

- O jumento serviria? - insistiu o servidor atencioso.

- De maneira nenhum. É manhoso e não merece confiança.

Decorridos alguns instantes de silêncio, o soberano indagou:

- Onde está o meu burro de carga?

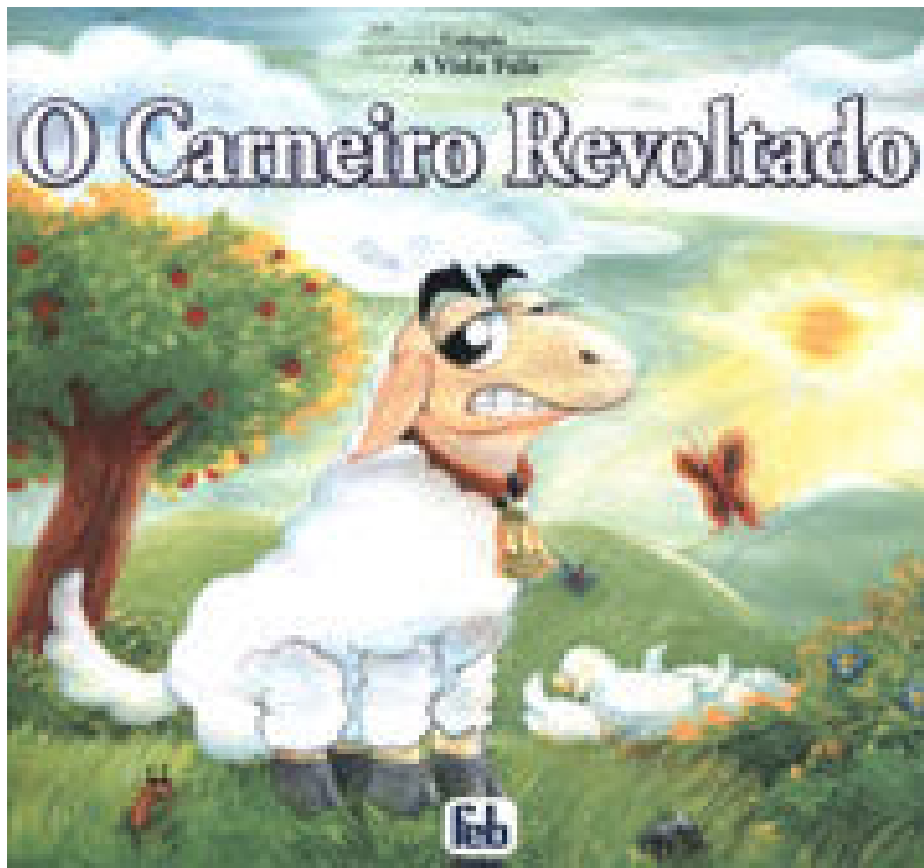
O chefe das cocheiras indicou-o, entre os demais.

O próprio rei puxou-o carinhosamente para fora, mandou ajazeá-lo com as armas resplandecentes de sua Casa e confiou-lhe o filho, ainda criança, para longa viagem.

Assim também acontece na vida.

Em todas as ocasiões, temos sempre grande número de amigos, de conhecidos e companheiros, mas somente nos prestam serviços de utilidade real aqueles que já aprenderam a suportar, servir e sofrer, sem cogitar de si mesmos.

O Carneiro Revoltado



Certo carneiro muito inteligente, mas indisciplinado, reparou os benefícios que a lã espalhava em toda parte, e, desde então, julgou-se melhor que os outros seres da Criação, passando a revoltar-se contra a tosquia.

– Se era tão precioso – pensava –, porque aceitar a humilhação daquela tesoura enorme? Experimentava intenso frio, de tempos a tempos, e, despreocupado das ricas rações que recebia no redil, detinha-se apenas no exame dos prejuízos que supunha sofrer.

Muito amargurado, dirigiu-se ao Criador.

– Meu Pai, não estou satisfeito com a minha pelagem. A tosquia é um tormento... Modifica-me, Senhor!...

O Todo-Poderoso indagou, com bondade:

– Que desejas que eu faça?

Vaidosamente, o carneiro respondeu:

– Quero que a minha lã seja toda de ouro.

A rogativa foi satisfeita. O carneiro tornou-se de ouro.

Assim que o orgulhoso ovino se mostrou cheio de pêlos preciosos, várias pessoas ambiciosas atacaram-no sem piedade. Arrancaram-lhe, violentamente, todos os fios, deixando-o em chagas.

O infeliz, a lastimar-se, correu para o Altíssimo e implorou:
– Meu Pai, muda-me novamente! Não posso exibir lã dourada, encontraria sempre salteadores sem compaixão.
O Sábio dos Sábios perguntou:
– Que queres que eu faça?
O carneiro, com mania de grandeza, suplicou:
– Quero que a minha lã seja lavrada em porcelana primorosa.
E o carneiro teve sua lã transformada em porcelana.
Logo que tornou ao vale, apareceu no céu enorme ventania, que lhe quebrou todos os fios, dilacerando-lhe a carne.
Aflito, queixou-se ao Todo-Misericordioso:
– Pai, renova-me!... A porcelana não resiste ao vento... estou exausto...
Disse-lhe o Senhor:
– Que desejas que eu faça?
O carneiro nem pensou e foi dizendo:
– Para não provocar os ladrões e nem me ferir com porcelana quebrada, quero que a minha lã seja feita de mel.
O Criador satisfez o pedido. A lã do carneiro tornou-se do mais puro mel.
Mas, logo que o pobre se achou no redil, bandos de moscas asquerosas cobriram-no em cheio e, por mais corresse campo afora, não evitou que elas lhe sugassem os fios adocicados.
O mísero voltou ao Altíssimo e implorou:
– Pai, modifica-me... as moscas deixaram-me em sangue!
O Senhor indagou, de novo. – Que queres que eu faça?
Dessa vez, o carneiro pensou mais tempo e considerou:
Eu seria mais feliz se tivesse minha lã semelhante às folhas de alface.
Atendido, voltou à planície, na caprichosa alegria de parecer diferente dos demais.
Quando alguns cavalos lhe puseram os olhos no carneiro, ele não conseguiu melhor sorte que das outras vezes. Os eqüinos prenderam-no com os dentes e, depois de lhe comerem a lã, abocanharam-lhe o corpo.
O carneiro correu na direção do Juiz Supremo, gotejando sangue das chagas profundas, e, em lágrimas, gemia:

O Todo-Compassivo, vendo que ele se arrependera com sinceridade, observou:

– Reanima-te, meu filho! Que pedes agora?

– Meu Pai, não suporto mais!...

O infeliz replicou, em pranto:

– Pai, quero voltar a ser um carneiro comum, como sempre fui. Não pretendo a superioridade sobre meus irmãos.

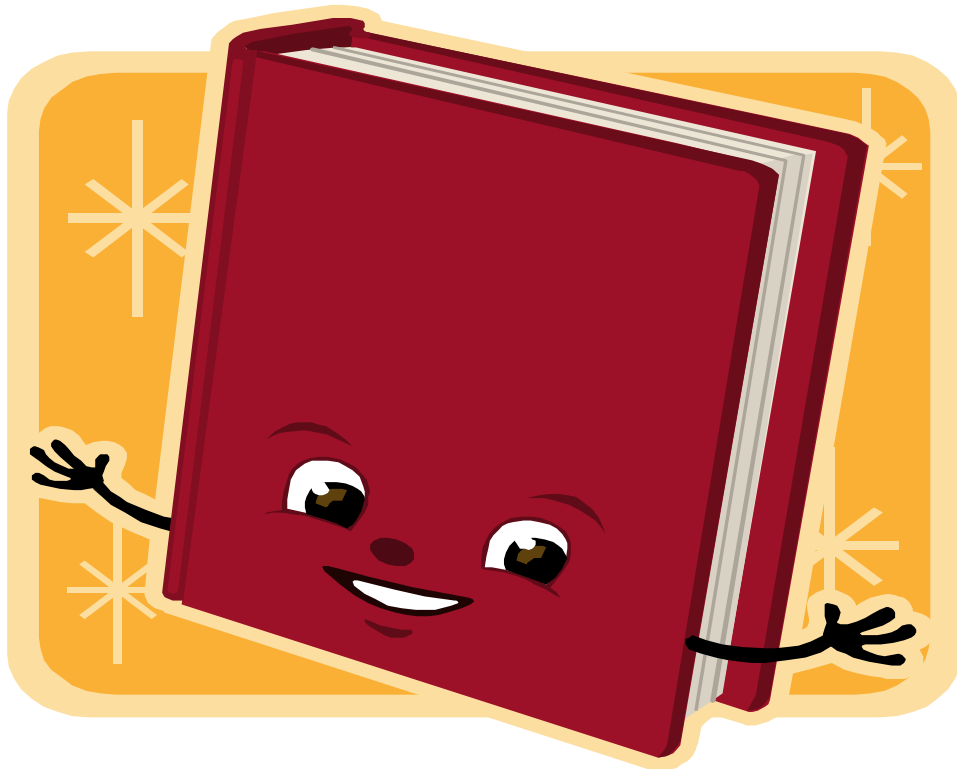
E terminou: Quero ser simples e útil, qual o Senhor me fez!...

- Hoje sei que meus tosquiadores são meus amigos. Nunca me deixaram ferido e sempre me deram de beber e de comer.

O Pai sorriu, bondoso, abençoou-o com ternura e falou:

– Volta e sega seu caminho em paz. Você compreendeu enfim, que meus desígnios são justos. Cada criatura está colocada, por minha Lei, no lugar que lhe compete e, se pretendes receber, aprende a dar.

Então o carneiro, envergonhado, mas satisfeito, voltou para o vale, misturou-se com os outros e daí por diante foi muito feliz.



Fim.

III

Francisco Cândido Xavier / Neio Lúcio



A Lição Inesquecível



Hilda, menina abastada, diariamente dirigia más palavras à pequena vendedora de doces que lhe batia humildemente à porta da casa.

- Que vergonha! De bandeja! De esquina a esquina! Suma daqui!
- gritava, sem razão.

A modesta menina se punha pálida e trêmula. Entrementes, a dona da casa, tentando educar a filha, vinha ao encontro da pequena humilhada e dizia bondosa:

- Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

A mocinha, reanimada, respondia, contente:

- Foi a mamãe.

A generosa senhora comprava sempre alguma coisa e, em seguida, recomendava à filha:

- Hilda, não brinques com o destino. Nunca expulses o necessitado que nos procura. Quem sabe o que sucederá amanhã?

A menina resmungava e, à noite, ao jantar, o pai secundava os conselhos maternos, acrescentando algo:

- Não zombes de ninguém, minha filha! O trabalho, por mais humilde, é sempre respeitável e edificante. Aqueles que socorremos serão provavelmente os nossos benfeitores.

Mas, no dia seguinte, Hilda fustigava a vendedora, exclamando:

- Fora daqui! Bruxa! Bruxa! ...

E a mãe de Hilda sempre acolhia a pequena.

Correu o tempo e, depois de quatro anos, o quadro da vida se modificara.

O paizinho de Hilda adoeceu e de balde os médicos procuraram salvá-lo. Morreu numa tarde calma, deixando o lar vazio.

A viúva recolheu-se ao leito extremamente abatida e, com as despesas enormes, em breve a pobreza e o desconforto invadiram-lhe a residência. A pobre senhora mal podia mover-se.

Privações chegaram em bando. A menina, anteriormente abastada, não podia agora comprar nem mesmo um par de sapatos.

Aflita por resolver a angustiosa situação, certa noite Hilda chorou muitíssimo, lembrando-se do papai.

Oh! Papai... Meu papai...

Dormiu, lacrimosa e sonhou que ele vinha da Espiritualidade confortá-la.

-Papai...Papai...

-Minha filha!

Ouviu-o dizer, perfeitamente:

- Não desanimes, minha filha! Vai trabalhar! Vende doces para auxiliar a mamãe! ...

Despertou, no dia imediato, com o propósito firme de seguir o conselho.

Ajudou a mãezinha enferma a fazer muitos quadradinhos de doce-de-leite e, logo após, saiu a vendê-los. Algumas pessoas generosas compravam-nos com evidente intuito de auxiliá-la, entretanto, outras criaturas, principalmente meninos perversos, gritavam-lhe aos ouvidos:

- Sai daqui! Bruxa de bandeja! ...

Sentia-se triste e desalentada, quando bateu à porta de uma casa modesta. Graciosa jovem atendeu.

- você Hilda ?

- Oh! Eu...

Hilda esperava ser maltratada por vingança, já que era a jovem que noutra tempo vendia cocadas.

- Que doces tão perfeitos! Quem os fez assim tão lindos?

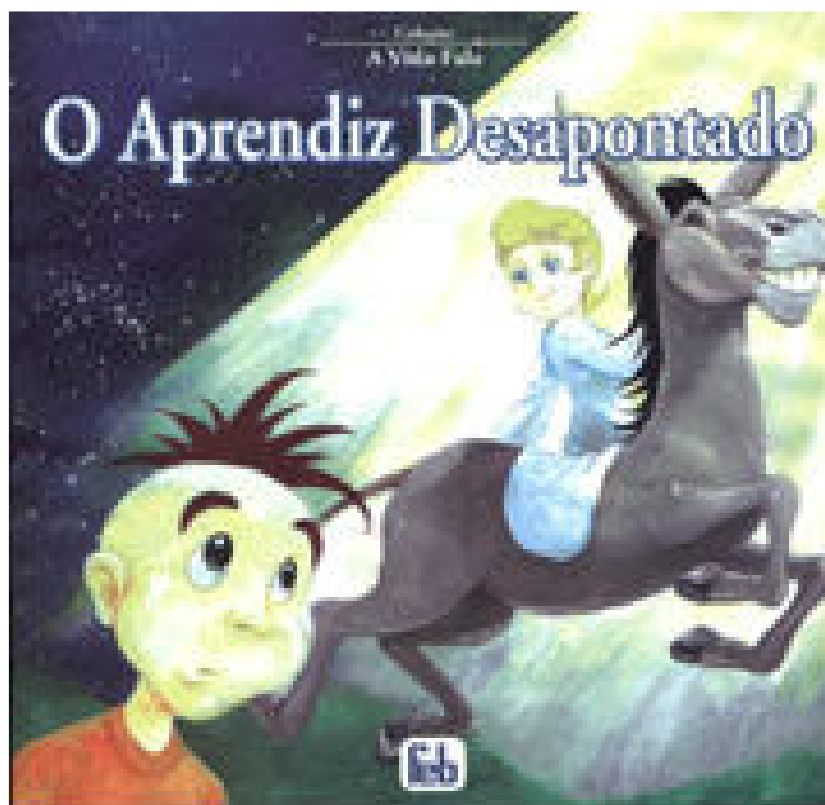
A interpelada lembrou os ensinamentos maternos de anos passados e informou:

- Foi a mamãe.

A ex-vendedora comprou quantos quadradinhos restavam na bandeja e abraçou-a com sincera amizade.

Desse dia em diante, a menina vaidosa transformou-se para sempre. A experiência lhe dera inesquecível lição.

O Aprendiz Desapontado



Um menino que desejava ardentemente residir no Céu, numa bonita manhã, quando se encontrava no campo, em companhia de um burro, recebeu a visita de um Bom Espírito.

Reconheceu, depressa, o emissário de Cima, pelo sorriso bondoso e pela veste resplandecente.

O rapazelho gritou:

- Mensageiro de Jesus, quero o paraíso! Que fazer para chegar até lá?!

O Espírito respondeu com gentileza:

- O primeiro caminho para o Céu é a obediência e, o segundo, é o trabalho.

O pequeno, que não parecia muito diligente, ficou pensativo.

O enviado de Deus então disse:

- Venho a este campo, a fim de auxiliar a Natureza que tanto nos dá.

- o menino ficou pensativo. E o Espírito convidou:

- Queres ajudar-me a limpar o chão, carregando estas pedras para o fosso vizinho?

O menino respondeu:

- Não posso.

O emissário celeste se dirigiu ao burro:- Você quer ajudar-me?

O animal pacientemente, transportou tudo.

O Espírito passou a dar ordens: - Abramos um caminho.

- Eu não! Disse o menino.

- Ajudarei... prontificou-se o burro.

-Vamos mover o arado. Sugeriu o Espírito.

-Safa! Não quero nada , disse o menino.

-Eu ajudo... apresentou-se o burro

Durante a sementeira, o pequeno repousava e o burro trabalhava.

Abriram um filete de água.

O jovem, cheio de saúde e de leveza, permanecia amuado, choramingando sem razão.

No fim do dia, o campo estava lindo.

Canteiros bem desenhados surgiam ao centro, ladeados por fios de água benfeitora.

As árvores pareciam orgulhosas de proteger os canteiros. O vento parecia um sopro divino no matagal.

A Lua espalhou intensa claridade.

O Espírito abraçou o obediente animal.

- Deus abençoe sua contribuição, meu amigo, disse o Espírito.

O menino viu que o mensageiro se punha de volta, gritou, ansioso:

- Espírito querido, quero seguir contigo, quero ir para o Céu!...

O emissário divino respondeu, porém:

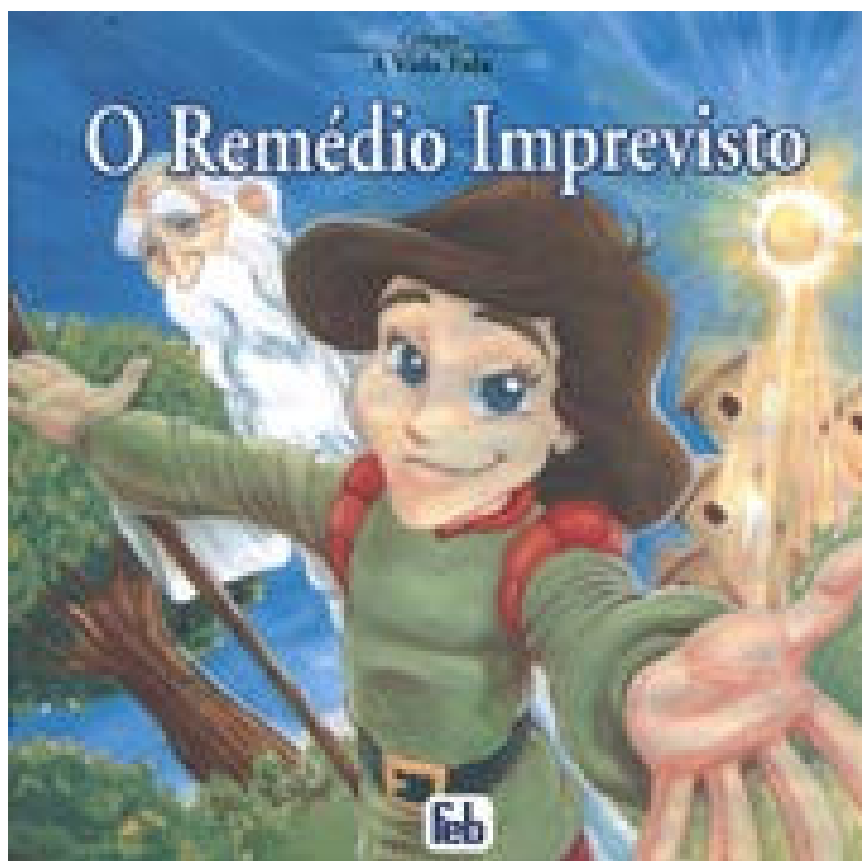
- O paraíso não foi feito para gente preguiçosa.

E o emissário informou:

Se você deseja encontrá-lo, aprende primeiramente a obedecer com o burro que soube ser disciplinado e educado também.

E assim esclarecendo subiu para as estrelas, deixando o rapazinho desapontado, mas disposto a mudar de vida.

O Remédio Imprevisto



O pequeno príncipe Julião andava doente e abatido.

Não brincava, não estudava, não comia.

Perdera o gosto de colher os pêssegos saborosos do pomar.

Esquecera a peteca e o cavalo.

Vivia tristonho e calado no quarto, esparramado numa espreguiçadeira.

Enquanto a mãezinha, aflita, se desvelava junto dele, o rei experimentava muitos médicos.

Os facultativos, porém, chegavam e saíam, sem resultados satisfatórios.

O menino sentia grande mal-estar. Quando se lhe aliviava a dor de cabeça, vinha-lhe a dor nos braços. Quando os braços melhoravam, as pernas se punham a doer.

O soberano, preocupado, fez convite público aos cientistas do País. Recompensaria nababescamente a quem lhe curasse o filho.

- Que todos saibam de minha disposição.

Avisaremos a todos majestade disse seu auxiliar.

Depois de muitos médicos famosos ensaiarem, embalde, apareceu um velhinho humilde que propôs ao monarca diferente medicação.

- Qual será o preço do tratamento ? perguntou o rei.

- Nada quero... respondeu o velhinho. Desejo apenas plena autoridade sobre seu filho.

O pai aceitou as condições e, no dia imediato, o menino foi entregue ao ancião.

O sábio anônimo conduziu-o a pequeno trato de terra e recomendou-lhe arrancasse a erva daninha que ameaçava um tomateiro.

- vamos meu filho! Arranque a erva daninha.

— Não posso! estou doente! — gritou o menino.

O velhinho convenceu-o, sem impaciência, de que o esforço era necessário e, em minutos breves, ambos libertavam as plantas da erva invasora.

Antes do meio-dia, Julião disse ao velho que sentia fome, O sábio humilde sorriu, contente, enxugou-lhe o suor copioso e levou-o a almoçar.

- Sirva-se à vontade, Julião. Disse o velho

O jovem devorou a sopa e as frutas, gostosamente.

Após ligeiro descanso, voltaram a trabalhar.

No dia seguinte, o ancião levou o príncipe a servir na construção de pequena parede.

- Vamos levantar uma parede disse o velho a Julião.

-Eu não sei

- Quem não sabe aprende, Julião respondeu o velho.

À tarde sua fome era maior.

Novo programa foi traçado para Julião. Após o banho matinal, cavava a terra. Almoçava e repousava.

Ao entardecer, estudava e a noitinha, brincava e passeava com jovens da mesma idade.

Transcorridos dois meses, Julião era restituído à autoridade paternal, rosado, robusto e feliz. Ardia, agora, em desejos de ser útil, ansioso por fazer algo de bom. Descobrira, enfim, que o serviço para o bem é a mais rica fonte de saúde.

O rei, muito satisfeito, tentou recompensar o velhinho.

Todavia, o ancião esquivou-se, acrescentando:

— Grande soberano, o maior salário de um homem reside na execução da Vontade de Deus, através do trabalho digno. Ensina a glória do serviço aos teus filhos e tutelados e o teu reino será abençoado, forte e feliz.

Dito isto, desapareceu na multidão e ninguém mais o viu.



Fim.

Acervo Virtual Espúrita